



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPOS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

JANE ALUSKA LEITE NASCIMENTO

**DIFICULDADES DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA NO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR: UMA BREVE
DISCUSSÃO.**

**CAMPINA GRANDE /PB
2022**

JANE ALUSKA LEITE NASCIMENTO

**DIFICULDADES DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA NO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR: UMA BREVE
DISCUSSÃO.**

Trabalho de conclusão de curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Educação Inclusiva

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre

**CAMPINA GRANDE /PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N244 Nascimento, Jane Aluska Leite.

Dificuldades de crianças com transtorno do espectro autista no processo de inclusão escolar [manuscrito] : uma breve discussão / Jane Aluska Leite Nascimento. - 2022.

34 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação: Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Autismo. 2. Inclusão escolar. 3. Aprendizagem. I. Título

21. ed. CDD 371.9

JANE ALUSKA LEITE NASCIMENTO

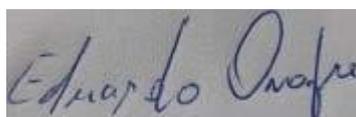
**DIFICULDADES DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA NO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR: UMA BREVE
DISCUSSÃO.**

Artigo apresentado à Coordenação do
Curso de Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do Grau de
licenciado em Pedagogia.

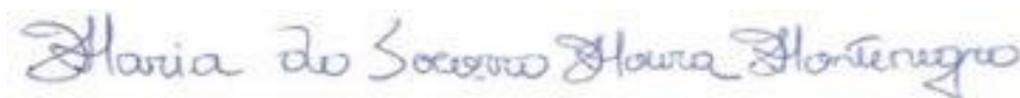
Área de concentração: Educação
Inclusiva

Aprovado em: 27/07/2022

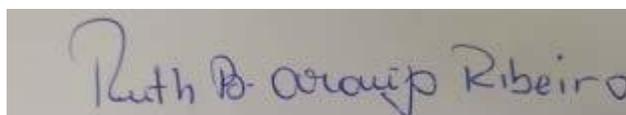
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba



Profª. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba



Profª. Me. Ruth Barbosa de Araújo Ribeiro (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba

Ao nosso Salvador, que tem cuidado de todos os meus sonhos,
do meu futuro e de todas as minhas dificuldades, DEDICO.

“A tolerância, como um sentimento aparentemente generoso, pode marcar uma certa superioridade de quem tolera. O respeito, como conceito, implica um certo essencialismo, uma generalização, que vem da compreensão de que as diferenças são fixas, definitivamente estabelecidas, de tal modo que só nos resta respeitá-las.” (MANTOAN)

LISTA DE ABREVIATURAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado

CID – Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde

G1 – Globo: Portal de Notícias

LBI – Lei Brasileira de Inclusão

ONU – Organização das Nações Unidas

PDDE – Programa Dinheiro Direto na Escola

PDE – Programa de Desenvolvimento Educacional

PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar

QI – Quociente de Inteligência

SEDUC – Secretaria de Educação e Cultura

TDAH – Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade

TEA – Transtorno do Espectro Autismo

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. METODOLOGIA.....	10
2.1 Tipo de pesquisa.....	10
2.2 Instrumento da pesquisa.....	10
2.3 Cenário e participante da pesquisa – dados simples da escola – e da participante –“Fabi”.....	11
2.4 Análise dos dados.....	11
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
3.1 Breve discussão sobre o Transtorno do Espectro Autismo: conceitos, comorbidades e legislações.....	12
3.2 O processo de inclusão escolar na educação infantil.....	17
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	19
4.1 Encontro com a Participante “Fabi”.....	19
4.2 As atividades escolares e o desenvolvimento de “Fabi”.....	20
4.2.1 Desenvolvimento Cognitivo.....	21
4.2.2 Desenvolvimento Social.....	22
4.2.3 Desenvolvimento Interação.....	22
4.2.4 Desenvolvimento Afetivo.....	23
4.2.5 As Recomendações da Educadora.....	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	25
ANEXO.....	28

DIFICULDADES DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR: UMA BREVE DISCUSSÃO.

NASCIMENTO, Jane Aluska Leite. ¹

RESUMO

O presente estudo traz como tema “dificuldades de crianças com transtorno do espectro autista no processo de inclusão escolar: uma breve discussão”, como forma de apresentar a realidade vivenciada em uma escola pública do município que atende a uma aluna com espectro autista em uma turma de Pré II. Para tanto, temos como objetivo geral identificar as dificuldades de aprendizagem que as pessoas do espectro autista enfrentam dentro dos espaços escolares, detalhando como objetivos específicos o desafio de elaborar entrevista a ser aplicada com os professores; conhecer as dificuldades levantadas pelos professores, fundamentar com teorias as dificuldades apresentadas pelos educadores, descrever possíveis estratégias a serem desenvolvidas pelos educadores. Como instrumento de pesquisa, utilizamos uma pesquisa qualitativa de campo, voltada para os pressupostos do estudo de caso, partindo da observação de uma aluna que tem comprovação através de laudo do espectro autista e que frequenta uma escola regular municipal, como também será aplicado um questionário com perguntas abertas para compreender a visão da educadora em relação ao desenvolvimento da criança do Pré II, a fim de identificar as principais dificuldades que a aluna em questão enfrenta dentro do processo ensino e aprendizagem, além de um registro diário das observações realizadas durante as visitas, fundamentando os resultados na visão de alguns autores como: Ambrós & Oliveira (2022); Bandeira (2022); Braga (2022) Brasil (2022); Carvalho (2022); Zeppelini (2022); Jacomeli (2022); Manoel & Conter (2022); Moreira (2022); Oliveira (2022); Pereira (2022); Silva & Lira (2022); Silva, Soares & Santos (2022); Soares (2022); Souza & Ruela (2022), os quais favoreceram para a compreensão dos fatos relatados, além de nos oportunizar a reflexão de nossa prática frente a uma sala regular com a presença de alunos com espectro do autismo, dentro de uma busca por uma aprendizagem significativa e inclusiva.

Palavras chave: Espectro Autista; Ensino e Aprendizagem; Inclusão.

DIFFICULTIES OF CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER IN THE SCHOOL INCLUSION PROCESS: A BRIEF DISCUSSION.

NASCIMENTO, Jane Aluska Leite. ¹

ABSTRACT

The present study has as its theme "difficulties of children with autism spectrum disorder in the school inclusion process: a brief discussion", as a way of presenting

¹ Aluna formanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. aluskajane@gmail.com

the reality experienced in a public school in the municipality that serves a student with autism spectrum in a class of Pre II. To this end, we have as a general objective to identify the learning difficulties that people on the autistic spectrum face within school spaces, detailing as specific objectives the challenge of elaborating an interview to be applied with teachers; to know the difficulties raised by the teachers, to substantiate the difficulties presented by the educators with theories, to describe possible strategies to be developed by the educators. As a research instrument, we used a qualitative field research, focused on the assumptions of the case study, starting from the observation of a student who has evidence of the autism spectrum through a report and who attends a regular municipal school, as well as a questionnaire with open questions to understand the educator's vision in relation to the development of the Pre II child, in order to identify the main difficulties that the student in question faces within the teaching and learning process, in addition to a daily record of the observations made during the visits, basing the results on the view of some authors such as: Ambrós & Oliveira (2022); Flag (2022); Braga (2022) Brazil (2022); Carvalho (2022); Zeppelini (2022); Jacomeli (2022); Manoel & Conte (2022); Moreira (2022); Oliveira (2022); Pereira (2022); Silva & Lira (2022); Silva, Soares & Santos (2022); Soares (2022); Souza & Ruela (2022), which favored the understanding of the reported facts, in addition to giving us the opportunity to reflect on our practice in front of a regular classroom with the presence of students with the autism spectrum, within a search for meaningful and meaningful learning. inclusive.

Keywords: Autistic Spectrum; Teaching and learning; Inclusion.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos a escola tem enfrentado muitos desafios na tentativa de educar a todos os alunos e prestar uma educação de qualidade, isso porque o público que antes se mantinha fora dos espaços escolares seja por falta de acesso ou até por omissão familiar, hoje são amparados por lei para estar participando de uma coletividade de saberes e valores a serem construídos, visando a igualdade de direitos e de permanência na escola, uma educação para todos, com todos e por todos.

A chegada das diferenças na escola, quebra com o conceito de que as pessoas são homogêneas em pensamento, ações e desenvolvimento, considera que essas diferenças favorecem as experiências nunca vivenciadas no seio familiar, favorece a aceitação e a compreensão de que todos são diferentes, mas podem ter acesso as mesmas oportunidades de aprendizagem. Dessa forma a escola entra na tentativa de deixar de ser segregacionista e passar a ser democrática.

No entanto, essa escola “democrática” não se trata de uma ação simples e fácil, pois as mudanças de paradigmas não ocorrem quando são impostar por lei, regulamentações, debates ou opressão. As mudanças precisam acontecer primeiro dentro de cada um, do outro e de si mesmo, para que de fato a educação possa ser igualitária e construtiva a todos. Pois, o que pensamos é refletido em nossas ações e terá maiores proporções na vida do outro, no meio em que vivemos, na sociedade e dentro da nossa casa.

De acordo com Braga (2012, p.01) “...A falta de formação dos professores também tem sido fator que dificulta a aprendizagem e adaptação das crianças com necessidades especiais nas escolas comuns...” Isso porque os educadores julgam que não se sentem preparados para atender aos alunos com alguma deficiência e

preferem ter uma sala quase que homogênea, que possa facilitar o processo ensino e aprendizagem, sem a necessidade de adaptação da prática ou de recursos.

As pessoas precisam se sentir aceitas, respeitadas e livres para assim interagirem, trocarem experiências, construir e reformular conceitos com a própria prática, sem considerar sexo, raça, cor, condição física, social ou econômica. Uma visão que pode ser construída por todos desde a infância, dando continuidade em todo o desenvolvimento do ser, pois, a aprendizagem vivenciada com todos, sejam pessoas consideradas normais e pessoas com deficiência, se torna mais significativa.

A educação é desafiadora para todos os alunos, especialmente para os que apresentam alguma dificuldade ou já tem uma deficiência que por ser de ordem genética não pode ser modificada. Mas, para estes o processo de ensino e aprendizagem é motivante e transformador, pois requer do educador dedicação para encontrar estratégias eficazes que promovam o sucesso de todos os alunos.

Identificar as dificuldades de aprendizagem de todos os alunos, favorece a construção de estratégias e recursos específicos que garante o direito de vivenciar e aprender, uma aprendizagem que não se limita apenas ao aluno, mas também se expande a todos que fazem a escola.

Dessa forma, nosso objeto de estudo se centrará nas dificuldades de aprendizagem que os alunos com deficiência, em especial as pessoas do espectro autista apresentam quando se encontram nos espaços escolares e são desafiados a destruir e construir novos conceitos, valores e estratégias para entender e ser entendido diante dos demais.

Como objetivo geral buscamos identificar as dificuldades de aprendizagem que as pessoas do espectro autista enfrentam dentro dos espaços escolares, detalhando como objetivos específicos o desafio de elaborar entrevista a ser aplicada com os professores; conhecer as dificuldades levantadas pelos professores, fundamentar com teorias as dificuldades apresentadas pelos educadores, descrever possíveis estratégias a serem desenvolvidas pelos educadores.

Para tanto vamos desenvolver uma pesquisa qualitativa de campo, voltada para os pressupostos do estudo de caso, partindo da observação de uma aluna que tem comprovação através de laudo do espectro autista e que frequenta uma escola regular municipal, como também será aplicada um questionário com perguntas abertas para compreender a visão da educadora em relação ao desenvolvimento da aluna, sendo aplicada com a professora da turma que atendem a alunos do Pré II, a fim de identificar as principais dificuldades que a aluna em questão enfrenta dentro do processo ensino e aprendizagem, além de um registro diário das observações realizadas durante as visitas.

Os resultados coletados foram analisados e fundamentados na visão de alguns autores que fortalecem a compreensão da realidade, na construção de nossa prática e na troca de conhecimentos frente a problemática da inclusão significativa das pessoas que apresentam o espectro autista e desafiam a escola a ensinar dentro de diversas perspectivas na forma de aprender.

Assim, esperamos contribuir para a nossa aprendizagem e para a compreensão de outros sobre a forma de desenvolver o processo pedagógico, mesmo quando o aluno não apresenta um desenvolvimento esperado e desafia a escola a querer aprender a fazer a diferença na vida de todos os alunos que podem entender a importância de respeitar o outro.

2. METODOLOGIA

2.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa a ser realizada será uma pesquisa qualitativa de campo, voltada para os pressupostos do estudo de caso, partindo da observação de uma aluna que tem comprovação através de laudo do espectro autista e que frequenta uma escola regular municipal, como também será aplicada um questionário com perguntas abertas para compreender a visão da educadora em relação ao desenvolvimento da aluna, sendo aplicada com a professora da turma que atendem a alunos do Pré II, a fim de identificar as principais dificuldades que a aluna em questão enfrenta dentro do processo ensino e aprendizagem.

A pesquisa qualitativa ou naturalística, segundo Bodgan e Biklen (1982), envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes (LÜDKE; ANDRÉ, 2014, p.14, apud. SOARES, 2019, p.169)

Dessa forma, podemos descrever que a pesquisa qualitativa busca retratar a visão dos participantes dentro de suas próprias experiências nos ambientes sociais, suas relações com os outros e com o mundo em sua volta, algo que requer envolvimento do pesquisador para compreender as mais diversas situações.

De acordo com Oliveira (2022, p.01) “O estudo de caso contribui para compreendermos melhor os fenômenos individuais, os processos organizacionais e políticos da sociedade. É uma ferramenta utilizada para entendermos a forma e os motivos que levaram a determinada decisão.” Ou seja, o método de estudo de caso nos leva a entender que as observações coletadas fortalecem a compreensão das transformações da sociedade e como esta reage frente as dificuldades que aparecem.

As observações acontecerão em cinco encontros com datas distintos, em acordo com a direção da escola e a professora da sala, para que seja registrado o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e afetivo da aluna. Pontos que também serão discutidos com a professora para que a mesma exponha sua visão diante do que for observado.

A educadora receberá um documento de pesquisa para responder em um momento oportuno dentro de um prazo determinada a ser analisadas as opiniões da profissional em educação, como forma de contextualizar as suspeitas levantadas, as possíveis ações a serem desenvolvidas para favorecer a prática desses educadores que tem como maior objetivo à aprendizagem de todos os educandos.

2.2 Instrumento da pesquisa

O instrumento de pesquisa utilizado na coleta de dados foi a observação in loco, a qual visou mostrar os fatos da realidade sobre o tema de interesse do pesquisador, a experiência escolar de uma criança com espectro autista na educação infantil, sem expressar opinião particular, mas revelando os acontecimentos fieis entre os envolvidos, ações, histórias. Para tanto, iremos realizar algumas visitas na escola Municipal de Educação Infantil, na turma do Pré II, no desejo de observar o comportamento social, afetivo e cognitivo da aluna de codinome “Fabi”, que não terá seu nome revelado para preservar sua identidade,

para que possamos registrar o desenvolvimento da mesma em meio aos demais alunos da turma.

Além da observação também foi aplicada uma entrevista aberta com a educadora da sala, que tem perguntas que favoreceram ao entrevistado colocar sua compreensão sobre a vida da aluna “Fabi”, para uma melhor interpretação dos resultados a referida entrevista foi composta das seguintes questões: Quais atividades você faz com “Fabi”? Como você vem percebendo o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo de “Fabi”? Quais recomendações você daria para melhorar ou aprimorar o processo de inclusão escolar do(a) aluno(a) com Transtorno do Espectro Autista – TEA?

As respostas encontradas, foram analisadas e discutidas na visão de escritores e pesquisadores renomados sobre o espectro autista e suas implicações na vida social, escolar, familiar, emocional, como também os desafios que os educadores enfrentam para se adaptar as necessidades dos alunos com necessidades especiais.

2.3 Cenário e participante da pesquisa – dados simples da escola – e da participante – “Fabi”

A Escola Municipal de Educação Infantil em que se passa a observação é uma unidade voltada para o ensino regular, que oferta o atendimento especializado em contra turno para os alunos que apresentam alguma dificuldade na aprendizagem, em decorrência de alguma deficiência de ordem física, mental, auditiva, entre outras.

A Escola fica localizada na zona urbana, tem atualmente três salas de aula destinadas para o Pré I, Pré II e 1º Ano do Ensino Fundamental, uma sala em que funciona a secretaria da escola, com almoxarifado e direção no mesmo espaço, uma cozinha, uma dispensa, dois banheiros destinados as crianças e um banheiro separado para os funcionários, um pátio coberto para recreação e uma grande área externa aberta também destinada para as atividades físicas e recreação.

A Unidade de ensino funciona nos dois turnos, atendendo cerca de 180 (cento e oitenta alunos), contando com seis professoras, quatro auxiliares, quatro cuidadoras, duas auxiliares de serviço, uma merendeira, duas secretárias, uma supervisora, uma diretora, um vigilante que colaboram todos juntos para o bom funcionamento da escola. A mesma também tem conta com o PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola) e PDE (Programa Desenvolvimento Educacional), além da contribuição da administração pública municipal, PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), entre outras.

Em relação a aluna observada a mesma será mencionada aqui com o codinome de “Fabi” para preservar a identidade da mesma, ela tem cinco anos e se encontra matriculada na turma do Pré II. A educadora por sua vez será chamada de “Lia” para manter também a sua identidade preservada nos relatos registrados nesse trabalho.

2.4 Análise dos dados

Inicialmente realizamos a primeira visita a escola para conversar com a direção, conhecer o espaço escolar, o funcionamento e coletar dados preliminares da escola, explicar a proposta da nossa observação e ter ciência se realmente a professora nos autorizaria fazer as visitas necessárias para conhecer a realidade da

aluna “Fabi”. Fomos muito bem recepcionados por todos, a diretora nos explicou que na escola este ano tem apenas essa aluna com espectro autista, os demais apresentam outras deficiências com dislexia, deficiência mental e hiperatividade.

Na segunda visita conhecemos a sala de aula, ficamos em um canto da sala apenas observando o comportamento da aluna que sempre está acompanhada de uma cuidadora devido o seu grau de dependência para ir ao banheiro, se alimentar e fazer as atividades. A professora nos deixou bem à vontade para circular na sala observar as atividades que ela desenvolvia com os alunos e com a aluna “Fabi”.

Na terceira visita também nos limitamos a observação, dessa vez a professora nos mostrou o caderno da aluna e as atividades que ela havia feito sempre com o apoio da educadora, já que a aluna não tem controle de sua coordenação motora para pegar no lápis, como também não tem noção da funcionalidade dos recursos que está em sua frente, por isso que a maioria das atividades propostas para ela são adaptadas.

Na quarta visita realizamos a última observação, nesse dia chegamos mais cedo na escola e percebemos o cuidado que a mãe tem com a criança, sempre conversa com a direção, a cuidadora e a professora. Nesse dia os alunos fizeram uma aula diferente, pois assistiram a um filme de curta metragem que depois foi explorado na atividade em sala e também participaram de uma aula recreativa com a professora de educação física, que vai na escola uma vez na semana desenvolver atividades em todas as turmas.

No quinto dia da visita levamos algumas atividades propostas para a aluna dentro do tema trabalhado em sala com a professora, que leu nosso planejamento e também nos ajudou a adaptar algumas das atividades a serem realizadas com “Fabi”. Os colegas de sala se mostraram muito prestativos com ela, tentando deixar ela mais confortável, embora ela raramente expresse alguma emoção para com os demais alunos da turma.

Em todas as visitas que realizamos o registro em um caderno que chamamos de “Diário de Bordo” com todas as informações necessárias para assim conseguirmos detalhar o que desenvolvemos em sala com a aluna “Fabi” juntamente com os demais alunos da turma, visto que nossa maior intenção era de conhecer o universo escolar em torno da aprendizagem da aluna e das propostas desenvolvidas pela educadora.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Breve discussão sobre o Transtorno do Espectro do Autismo: conceitos, legislações e comorbidades.

As discussões sobre deficiência em especial, o Transtorno do Espectro do Autismo tem sido um desafio para a sociedade e para os educadores. Na Antiguidade as crianças que nasciam com uma deficiência perceptível eram sacrificadas segundo os costumes de algumas tribos que achavam tais crianças como um peso que atrapalhava todo o grupo, principalmente por terem uma tradição machista de fortes, guerreiros e caçadores. Segundo reportagem do Fantástico que traz como título “Tradição Indígena faz pais tirarem a vida de crianças com deficiência física”, apresentada pelo Fantástico e registrada nas páginas da internet do G1 de 07/12/2014, essa prática ainda acontece em algumas tribos indígenas na atualidade, chamada de infanticídio, uma cultura em que as mulheres grávidas agem sozinhas, no momento do parto, elas entram no meio da floresta e depois de dar à

luz, examinam e se perceberem alguma deficiência na criança, esta não vai ser conhecida pela aldeia.

A mencionada reportagem ainda esclarece que essa prática é comum para aproximadamente 13 etnias indígenas no Brasil, especificamente nas tribos mais isoladas da civilização como os suruwahas, ianomâmis e camaiurás. “Cada etnia tem uma crença que leva a mãe a matar o bebê recém-nascido. Criança com deficiência física, gêmeos, filho de mãe solteira ou fruto de adultério podem ser vistos como amaldiçoados dependendo da tribo e acabam sendo envenenados, enterrados ou abandonados na selva.” (BRASIL, 2022, p.01).

Durante a Idade Médias, fatos da história apontam que as crianças com deficiência eram abandonadas por suas famílias na roda dos enjeitados para serem criadas pela igreja católica com a ajuda de famílias abastardas que almejavam alcançar a salvação por meio da caridade, eram provenientes de adultério, extrema pobreza ou órfãos. “[...] Para tanto, atendiam aos pobres, aos doentes, aos presos, aos alienados, aos órfãos desamparados, aos inválidos, às viúvas pobres e aos mortos sem caixão. Os mais afortunados auxiliavam os desvalidos, exceto os escravos que deveriam ser cuidados por seus donos.” (MOREIRA, 2022, p.01)

As crianças com deficiência cresciam excluídas, segregadas dentro da própria casa em um dos quartos como se fossem a vergonha da família, por medo do julgamento social, por ser visto como expiação do pecado de seus pais. Mas as crianças que tinham uma deficiência que não era percebida no instante dos primeiros anos, visível acabavam passando despercebida até um certo tempo. Não havia uma classificação sobre os tipos de deficiência ou uma diferenciação de conceitos, de transtornos. Na história da humanidade, sempre houve um preconceito, face à criança com deficiência ou com TEA.

O transtorno do espectro autista (TEA), também conhecido como autismo, transtorno autístico, transtorno de Asperger, transtorno desintegrativo da infância e transtorno global do desenvolvimento não especificado, pode ser definido como um transtorno complexo que compromete o processo do neurodesenvolvimento infantil, caracterizado por comprometimento qualitativo da interação social; comprometimento da comunicação; e padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades (FONSECA MEG, 2015, In. SOUZA & RUELA, 2022, p.01)

Os autores supracitados ainda destacam que foram muitas as definições descritas ao longo dos anos por estudiosos e pesquisadores, em busca de um conceito definitivo, em muitos casos as pessoas com TEA eram confundidas com esquizofrênicos e internadas juntos aos doentes mentais nos hospícios. Algumas pessoas com TEA eram reconhecidas com um QI superior, porém com um comportamento antisocial, sem interesse no que acontece em sua volta (op.cit. 2022, p.01). Mas, cada pessoa com o Transtorno do Espectro do Autismo age, tem limitações ou se desenvolve de uma forma única, o que levou a consideração de se classificar as pessoas autista por graus de comprometimento, sendo leve, moderado e severo.

Entre as maiores características citadas pelos autores supracitados estão a dificuldade de realizar as relações sociais, de comunicação, excelente memória, fixação por objetos e necessidade de uma rotina para se estabilizar diante dos ambientes (op.cit. 2022, p.01). Também, podemos citar como comorbidade do TEA não suportar barulhos intensos, ter sensibilidade a toques, degustação de alimentos, dificuldade de demonstrar atenção ou interesse pelo mundo em sua volta. Mas,

esses detalhes em nenhum instante nos fazem esquecer que as crianças com TEA têm necessidade de amor, carinho, estimulação e de vivenciar diversas experiências em família, na escola e nos diversos espaços sociais em várias ocasiões.

Na década de 1990 houve grandes transformações na política educacional brasileira; nessa época começou o movimento de inclusão escolar, que resultou em novas perspectivas no campo da Educação Especial; Michels (2011) enfatiza que, nos anos 1990, a Educação Especial tinha como orientação a Política Nacional de Educação Especial (1994), que apresenta como fundamentos a Constituição Federal (1988), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 4.024/61), o Plano Decenal de Educação para Todos (1993) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). (SOUZA, 2022, p.01)

As transformações políticas educacionais, ainda no século XX passaram a abrir espaço para que as crianças com deficiência ou com TEA pudessem estar nas escolas regulares, vivenciando junto a outros sem deficiência as atividades e desafios educativas, mesmo que diante de atividades adaptadas ou recursos diversificados. Assim os conceitos vão se direcionando para uma visão que as pessoas com Transtorno de Autismo, não sendo consideradas como uma deficiência exclusivamente comprometedor de forma cognitiva, mas com a possibilidade de desenvolver estratégias de aprendizagens, desenvolvimento de autonomia a considerar o grau de comprometimento.

Para muitas famílias a adaptação diante do filho com Espectro Autismo é bastante complicada principalmente porque o desenvolvimento do autista não depende apenas das pessoas que convivem com ele todos os dias e que desde o nascimento já encontraram estratégias ou continuam buscando sempre ajuda de especialistas para conseguir dar uma maior e melhor condição do autista se adaptar a vida social de uma forma quase normal. No entanto a pessoa autista não tem apenas um padrão de comportamento ou comorbidade que afeta a sua vida, essa variação traz muitas incertezas e desafios ao longo da vida para toda a família.

Segundo o site do Instituto Neuro Saber (BRASIL, 2021, p.01), não só os pais, mas também os professores, pediatras e demais familiares precisam conhecer e buscar entender as comorbidades mais frequentes no TEA (Transtorno do Espectro Autista), pois, “[...] as principais condições que podem ocorrer simultaneamente com o autismo são: epilepsia; distúrbios do sono; TDAH; distúrbios gastrointestinais e alimentares; ansiedade; depressão e outros transtornos do neurodesenvolvimento.” Cada pessoa autista além de sua própria limitação ainda enfrenta muitas complicações que podem variar constantemente, estar atento a esses desafios também é uma forma de aceitação, ajuda e humanização para com as crianças e os pais das pessoas autistas, uma vez que essas comorbidades afetam o humor, o desempenho, o bem-estar, a saúde, socialização, o cotidiano do autista e de toda sua família.

O site também destaca (BRASIL, 2021, p.01) que “As condições associadas ao TEA causam desconfortos que podem provocar comportamentos repetitivos, irritabilidade, agressividade, dentre outros sintomas. Isso dificulta o diagnóstico, pois esses comportamentos são, muitas vezes, associados ao TEA. Para a família contornar diversas situações conflituosas, dolorosas e inquietantes se torna um grande desafio, para a sociedade muitas vezes se trata de uma criança sem limites, agressiva demais, insociável, quando na verdade esses comportamentos são uma linguagem de comunicação, já que o autista muitas vezes tem comprometimentos na fala, não conseguem se expressar em uma frase para explicar o que está sentindo

ou pensando. Dessa forma, quando um educador tem um olhar sensível das dificuldades da pessoa com autismo, pode orientar na busca por um especialista para buscar diagnósticos e tratamentos que vão proporcionar uma maior qualidade de vida.

No âmbito legal, muitas são as Leis que amparam as pessoas com deficiência, mas até 10 anos atrás as pessoas com espectro autista não eram contempladas legalmente quanto a benefícios assistenciais ou atendimentos com especialista, pois eram vistas como pessoas capazes mesmo diante da limitação de se desenvolver, ter uma vida social, trabalhar e sobreviver, assim, as salas multifuncionais e de AEE (Atendimento Educacional Especializado) não podiam atender a essa demanda, desconsiderando muitas crianças com atraso na aprendizagem e no desenvolvimento. Mas ao longo dos tempos os estudos comprovaram que as pessoas com espectro autista não possuem um desenvolvimento homogêneo devido a diversas complicações e associações com outras deficiências que chegam a comprometer a vida, como o atraso na fala que dificulta a comunicação sobre o quê está entendendo, o quê está sentido, pensando.

Muitas crianças com deficiência mental ou com síndromes passaram a apresentar traços de autismo e exigindo das legislações também o atendimento para esse público, já que o atraso no desenvolvimento se tornava ainda mais significativo sem a estimulação e intervenção precoce. A Lei Berenice Piana de número 12.764 é a primeira a instituir de fato os direitos das pessoas com espectro autista e a família nas diversas esferas sociais, reconhecendo que de fato se trata de uma pessoa com deficiência, com direitos reconhecidos e assegurados.

§ 1º Para os efeitos desta Lei, é considerada pessoa com transtorno do espectro autista aquela portadora de síndrome clínica caracterizada na forma dos seguintes incisos I ou II:

I - deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;

II - padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos. (BRASIL, 2022, p. 01)

O Parágrafo 1º já traz o reconhecimento de que uma vez a pessoa sendo reconhecida com transtorno do espectro autista, esta é vista como uma pessoa com deficiência, cerca de direitos assim como os demais comprometimentos já destacados em Lei. No Artigo segundo dessa Lei 12.764 destaca que é responsabilidade do governo a formação de profissionais e familiares para cuidar e atender as pessoas com espectro autista, a inserção no mercado de trabalho considerando as limitações e considerações destacadas no Estatuto da Criança e do Adolescente, o estímulo a pesquisa científica como forma de realizar descobertas e inovações que favoreçam no tratamento da pessoa com espectro autista. (Op. cit. 2022, p.01)

Segundo Bandeira (2022, p.01) “O nome da legislação é uma homenagem à militante e ativista brasileira Berenice Piana. Co-autora da lei, ela é mãe de três filhos, sendo o mais novo com autismo.” A mesma participou de muitas lutas e elaboração de Leis em defesa da pessoa com espectro autista, sendo reconhecida

com vários títulos como embaixadora da paz pela ONU (Organização das Nações Unidas) e União Europeia, como também o título de cidadã Anapolitana como reconhecimento de sua dedicação a causa dos autistas no Brasil, sendo o maior legado as garantias que essa Lei traz para as famílias e seus filhos no saúde, educação, amparo social e reconhecimento como uma deficiência que compromete o desenvolvimento humano como tantas outras já garantidas por Lei.

A leitura da LBI (Lei Brasileira de Inclusão) de 2015 traz como avanço o reconhecimento de que não o atraso intelectual, mais também as dificuldades de socialização interferem diretamente no desenvolvimento humano e é considerada uma deficiência.

Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (BRASIL, 2022, p.01)

No Inciso primeiro desse artigo da Lei destaca que a pessoa com deficiência deve ser avaliada não apenas por um neurologista, mas se trata de uma avaliação com uma equipe de multiprofissionais, considerando diversos aspectos e fatores que podem interferir no desenvolvimento pleno da pessoa, para que em conjunto possam determinar qual o tipo de deficiência, além de favorecer as intervenções precoces e o tratamento adequado.

§ 1º A avaliação da deficiência, quando necessária, será biopsicossocial, realizada por equipe multiprofissional e interdisciplinar e considerará: [\(Vigência\)](#), [\(Vide Decreto nº 11.063, de 2022\)](#)

- I - os impedimentos nas funções e nas estruturas do corpo;
- II - os fatores socioambientais, psicológicos e pessoais;
- III - a limitação no desempenho de atividades; e
- IV - a restrição de participação. (Op. cit. 2022, p.01)

O Artigo terceiro dessa Lei destaca as adaptações de materiais para o favorecimento da autonomia e aprendizagem do aluno, a quebra de qualquer tipo de barreira que o impeça de se desenvolver como as demais pessoas, a adaptação de mobiliário, ambientes e recursos possíveis para contribuir na inclusão da pessoa com deficiência, o direito a moradia, segurança entre outros já destacado em Leis anteriores. Quanto a formação de profissionais a Lei destaca que devem atuar pessoas capacitadas para cada função que irá lidar com a pessoa com deficiência, uma consideração ainda limitada no ponto de vista dos cursos de formação e dos profissionais da área, uma vez que mesmo que o profissional tenha nível superior não é garanti de experiência ou consciência de suas ações para a transformação na vida do aluno. A qualidade do ensino está na dedicação, no fazer com significado, na pesquisa e respeito pela aprendizagem do outro.

Percebemos então que, até o ano de 2015, a trajetória das políticas da educação especial, na perspectiva inclusiva, sinalizava um caminho com maior autonomia e novas possibilidades para os cursos de licenciatura e a formação docente, entretanto, como afirmado anteriormente, não é uma trajetória linear, visto que cada governo impõe políticas de acordo com os seus interesses e, atualmente, vivemos um processo de involução em tais políticas. (SILVA & LIRA, 2022, p.19)

As políticas públicas voltadas para a educação ainda precisam se estruturar para capacitar os profissionais quanto a adaptação de materiais, utilização, compreensão de cada deficiência e organização dos ambientes escolares, para que os alunos se sintam acolhidos, respeitados e com maior autonomia para aprender, como também os demais alunos consigam se colocar no lugar do outro. Se trata de uma formação contínua e acessível, visto que nos dias atuais grande parte das formações destinadas aos profissionais são privadas e com custo alto, quando na verdade a educação deveria ser aberta para todos e por todos ao invés de ser um comércio do conhecimento.

3.2 O processo de inclusão escolar na educação infantil

A Educação Infantil é uma das fases escolares mais importantes na educação das crianças na fase da Pré Escola, momento dedicado as descobertas do mundo através das brincadeiras e de tudo que tem em sua volta. Desde o nascimento a criança tem sua família como referência, base para tudo o que sabe até então associado aos amigos, vizinhos e outras experiências que vivenciou. A Pré Escola assim, se torna o segundo espaço em que a criança irá construir novas relações sociais, afetivas e emocionais que transformaram a sua visão em relação ao mundo. Nessa troca de muitas diferenças a criança aprende e também expressa o que já sabe nos momentos de conflito, calma, brincadeiras e euforia.

[...] a Educação Infantil é uma das fases mais importantes na vida da criança! Alguns pais não dão o devido valor que esse momento merece e, muitas vezes por falta de conhecimento, acabam negligenciando esse período fundamental para a formação dos pequenos, que tem total impacto na fase adulta. Afinal, é nessa etapa que elas começam a existir fora do convívio familiar, o que envolve lidar com diferenças, desenvolvimento da personalidade e da autonomia, a criação de laços de amizade e as descobertas em diferentes áreas do conhecimento. (LÚCIA; ALMEIDA & GÜNTER, 2022, p.01)

Os autores acima ainda ressaltam que é nessa fase que a criança explora as quatro áreas do conhecimento, a parte física, cognitiva, emocional e social que a ajudará na formação de sua personalidade (caráter, identidade, desenvolvimento físico e psicológico), refletindo nas demais fases da vida. Isso porque a convivência em um espaço diferenciado de sua família fará com que a criança busque se adaptar e se socializar para sobreviver aos desafios propostos.

Para muitos que não conhecem a importância da Pré Escola, do brincar, cantar, movimentar e experimentar, essa fase e tudo que acontece nos espaços de referência são apenas distrações para a criança enquanto os pais trabalham ou resolvem seus problemas, quando na verdade a toda ludicidade favorecerá a descoberta e ampliação de saberes dentro da linguagem, da matemática, musicalidade, coordenação motora, entre outras habilidades necessárias a criança na fase da Pré Escola.

A compreensão da importância da Pré Escola na vida da criança por parte do educador, favorecem a construção de saberes significativos uma vez que o brincar terá um objetivo associado a diversão, ao prazer de aprender e vivenciar, sem uma obrigação escolar. Essas experiências poderão evitar dificuldades futuras na aprendizagem ou pelo menos irão amenizar as defasagens no processo de aprendizagem. No entanto, quando a criança tem TEA, mesmo com todas essas oportunidades ela ainda poderá apresentar muitas dificuldades na aprendizagem,

necessitando do convívio contínuo com outras crianças que fortaleçam o vínculo afetivo e sejam referência para suas experiências.

Nos dias atuais são muitas as dificuldades de aprendizagem que os educadores enfrentam nos espaços escolares, na tentativa de executar os planejamentos traçados em seus cadernos, não se trata apenas das defasagens no ato do aprender o que se ensina, mas, das mudanças de interesse dos educandos.

No campo tecnológico as mídias estão em alta, mesmo que os educadores ainda não consigam aliar o celular das crianças as práticas desenvolvidas nos espaços referências, fato que tem apontado o desinteresse das crianças pelos conteúdos trabalhados e atividades avaliativas necessárias, propostas pelos professores no processo de ensino e aprendizagem.

Mesmo que as Pré Escolas estejam cercadas de recursos inovadores nunca se viu o quanto é necessário o contato humano para facilitar o ensino, quanto nos tempos de pandemia. Crianças que retornam as salas apresentando um quadro de atraso em relação aos anos escolares em que se encontram e precisam de uma atenção e desdobramento do educador para que seja um ensino inovado e coerente com a realidade dos educandos.

A inclusão assim, tem uma nova proposta de incluir a todas as crianças, tenham eles deficiência ou dificuldade de aprendizagem decorrente do distanciamento social em que vivenciamos. Para as crianças com Transtorno do Espectro Autista – TEA, as dificuldades de domínio da aprendizagem ainda são maiores e significativas, visto que o distanciamento social foi reforçado nos tempos de pandemia e agora com o retorno aos espaços referências, estas crianças com TEA precisam organizar suas rotinas internas com as propostas pela Pré Escola, no objetivo de se sentirem aceitos e com as mesmas oportunidades de aprendizagem.

A inclusão escolar está diretamente relacionada com ações políticas, pedagógicas, cultural e social, esse movimento junto torna possível a interação de crianças com necessidades especiais junto com as crianças sem necessidades especiais convivendo no mesmo ambiente escolar, aprendendo e respeitando as diferenças. (BRAGA, 2012, p.01)

Assim, mesmo que a inclusão tenha sido imposta pela legislação como forma de trazer para discussão o direito de igualdade e de qualidade para a educação, a sociedade e as Pré Escolas ainda não estão preparadas para atuarem com as crianças que apresentam alguma deficiência. Entretanto, não podemos negar que a possibilidade de estar dentro do espaço referência favorece a aprendizagem de todos e desafia os educadores a se prepararem e construir práticas inovadoras e que contemplem a todos os educandos.

No caso das crianças com TEA, que possuem uma atitude individualista, com dificuldade de socialização e de interação com o outro, o processo de ensino-aprendizagem exige que as demais crianças do espaço referência atuem com empatia. A aceitação mútua entre os colegas com ou sem o TEA, é uma condição importante para o processo de inclusão. Todavia, compreendemos que a necessidade de trocar de experiências e a internalização das regras de convivência social é algo que precisa ser construído paulatinamente com a presença do outro como sua referência.

Ainda nos dias atuais a inclusão é vista como um desafio, causando angústias e expectativas em grande parte dos profissionais da educação. Porém, mais amenas que em tempos passados, pelo fato de que, ao ser devidamente aceita pela escola, desencadeia um compromisso com as

práticas pedagógicas que favorecem todos os alunos, ou seja, uma verdadeira mudança na concepção de ensino, visando uma aprendizagem significativa, inclusiva e de qualidade. (JACOMELI, 2022, p.01)

A Pré Escola precisa considerar que todas as crianças têm direito a educação e que nenhuma família vai esperar que a Pré Escola se diga estar preparada para assim colocar seus filhos dentro de seus espaços referências. Trata-se de uma construção coletiva com a participação da família, profissionais, sociedade, educandos para o rompimento de barreiras e fortalecimento de paradigmas que favoreçam a convivência dentro das diferenças, visando a qualidade do ensino para todas as crianças.

Além da dificuldade de socialização, a criança com TEA tem habilidades específicas que os fazem destacar em determinadas áreas do conhecimento. Assim as crianças com TEA precisam ser estimulados a reconhecer seu potencial e estratégias para vivenciar a aprendizagem com os demais colegas de seu espaço referência. Muitas dessas crianças com TEA não gostam de barulho forte e contínuo por não conseguirem processar as informações do momento para se sentirem bem para aprender.

Outro ponto importante que alimenta as dificuldades de aprendizagem das crianças com deficiência está nos cursos de formação dos educadores que propõem um contato limitado com materiais teóricos sobre as deficiências e práticas com crianças com limitações de aprendizagem, bem como a construção dos recursos pedagógicos adaptados que muitas vezes são feitos a partir da iniciativa individual do educador que se sente comprometido com a aprendizagem de todos os educandos.

Outro fator marcante é que muitos se preocupam bastante com os laudos médicos, desconsiderando as potencialidades e habilidades que as crianças apresentam, como também se esquecem de partir de uma avaliação diagnóstica inicial para identificar as reais fragilidades de aprendizagem das crianças com deficiência e o que estes já concretizaram para assim dá continuidade no processo de ensino aprendizagem de todos que se encontram nos espaços referência, a fim de garantir o direito de acesso, permanência e de aprendizagem na Pré Escola.

Parece impossível, pois, compreender ou explicar as dificuldades de aprendizagem sem levar em conta os aspectos orgânicos, psicológicos ou sociais, banalizando a importância de cada um, isoladamente ou desconsiderando suas intrincadas inter-relações. Na verdade, há que examinar o dinamismo existente entre todos os fatores, sem atribuir unicamente a um deles a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso escolar do aluno. (CARVALHO, 2004, p. 71)

O aluno não pode ser limitado apenas a visão de um papel que determina a CID com um número que generaliza a deficiência ou o transtorno, pois cada pessoa é um ser individual que tem potencialidades e limitações diferentes. O que pode fortalecer o papel da escola é a busca de inovações pedagógicas que estimulem a todas as crianças a aprenderem tanto os conteúdos como os valores de uma vida e convivência em sociedade, com respeito as diferenças.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Encontro com a Participante “Fabi”

Questionada sobre as atividades que desenvolve em sala de aula com a criança que nos propomos a observar, a educadora relatou que apresenta os conteúdos para todos os alunos em comum, faz a acolhida coletivamente, costuma realizar uma leitura compartilhada em todas as aulas, desenvolve uma atividade dentro do conteúdo para todas as crianças para que tentem resolver sozinho, nesse momento ela propõe uma atividades adaptadas dentro do conteúdo para “Fabi”, já que a mesma não apresenta uma linguagem desenvolvida, limitando a nossa percepção se está ou não compreendendo os conteúdos.

Assim as atividades propostas para “Fabi” envolvem jogos de encaixe, pintura, modelagem, coordenação motora, colagem, uso de tablet com desafios, mas, a atenção da aluna é bem limitada e não tem paciência de ficar na sala por muito tempo, de modo que entre uma atividade e outra a cuidadora à retira da sala para dar uma volta no pátio.

A intenção primordial é a aceitação, a acolhida pela escola como um espaço de adaptação e consciência das necessidades da aluna, envolvendo a família, a escola, os alunos, os funcionários, mesmo em meio ao caos que a educação acontece com as brincadeiras, a gritaria, as discussões, o mover das carteiras, a correria no pátio, o riso das crianças.

A escola é um espaço que oportuniza a convivência com pares que possuem características individuais diferentes, culturas e práticas distintas, proporcionando aos indivíduos a possibilidade de aprender com o outro e crescer através das suas diferenças individuais. Uma Educação Inclusiva representa a aceitação ao diferente, o que torna o ambiente rico pela diversidade social e facilitador do desenvolvimento de todas as crianças. (PEREIRA, 2022, p.44)

Sem essa oportunidade a pessoa com deficiência não constrói a noção de coletividade, da existência de outros, de possibilidades que mesmo em longo prazo pode ser despertada, concretizada e vivenciada por todos. Aprender com as diferenças nos faz valorizar e respeitar os limites, a ver e viver experiências positivas ou negativas para o próprio crescimento pessoal.

4.2 As atividades escolares e o desenvolvimento de “Fabi”

Questionada sobre as atividades que desenvolve com a aluna “Fabi”, a professora “Lia” respondeu:

Lia: “Sigo as orientações da Coordenadora da Educação Especial da SEDUC, desenvolvo atividades de coordenação motora com modelagem de massinha, pintura com tinta guache, amassar papel, picotar com as mãos, desenhar na areia, retirar objetos de um lugar para outro, sempre procurando diversificar para despertar o interesse da aluna.”

A primeira questão apresentada a professora foi sobre quais atividades ela costumava desenvolver com a aluna “Fabi” em sala, a mesma destacou que segue as orientações da Coordenadora da Educação Especial, a qual é técnica da SEDUC e fez algumas reuniões com os educadores que tem em sala algum aluno com deficiência ou problemas de aprendizagem significativo que exija uma boa investigação. Também procura desenvolver atividades diversificadas, voltadas para a coordenação motora, já que é uma das maiores dificuldades apresentadas pela

aluna que não demonstra se está ou não interessada nas atividades que lhes são propostas. Mesmo assim, como forma de socializar a aluna e integrar a sala todos os dias ela recebe uma atividade para realizar com ajuda da cuidadora e da professora.

É preciso considerar que os interesses extremos por determinados assuntos podem ser fios condutores para o desenvolvimento do autista e uma porta de entrada para a interação. Já que, ao se tratar de algo que seja do seu interesse, o reconhecimento com o Outro possa partir do lugar do desejo do Outro no desenvolvimento. (PEREIRA, 2019, p.34)

Assim, como educadores precisamos olhar para o outro (aluno/criança) como um ser em potencialidade, habilidade e saberes que ainda não conseguimos compreender, perceber, viver, mas, podemos estimular, conduzir e condicionar a novos caminhos juntamente com outras crianças como forma de fomentar o surgimento de novos saberes sociais e emocionais que podem produzir muitos frutos na aprendizagem em sala de aula.

4.2.1 Desenvolvimento Cognitivo

Sobre como a professora percebe o desenvolvimento cognitivo da aluna “Fabi”, a professora “Lia” descreveu:

Lia: “A aluna tem muitas dificuldades na aprendizagem, mesmo que sua atenção seja limitada para alguns segundos, repita muitos os mesmos movimentos, não demonstre nenhuma afetividade, não goste de molhar suas mãos, a maior parte das atividades são feitas com ajuda.”

A segunda questão lançada, foi sobre o desenvolvimento da aluna mediante as atividades realizadas em sala regular com os demais alunos. No fator cognitivo, segundo a professora, a aluna não apresenta um desenvolvimento significativo quanto aos conteúdos, não foca nas atividades por mais de dez segundos, seu olhar vai e volta nos materiais a sua frente, realiza movimentos repetitivos enquanto falamos com ela, uma vez ou outra dá um sorriso quando falamos seu nome. Não gosta de atividades em que suja ou molha suas mãos, puxando com força o braço, segura pincel ou lápis com ajuda de uma faixa adaptada para ela, mas se dedica ou aceita por pouco tempo. No entanto insistimos na estimulação como fomos orientados pela Coordenadora Geral da Educação Especial, técnica da SEDUC.

Além de ter em mente as características individuais do aluno, é importante que os educadores estejam atentos ao seu progresso. Os registros desses avanços, explica Beatriz “nor-teiam os avanços e as necessidades de reformulação/readaptação de estratégias que não estão funcionando para o aluno em questão.” (ZEPPELINE, 2022, p.01)

Nesse caso, não basta apenas tentar ensinar quando se trata de alunos com alguma dificuldade, em especial os que tem alguma deficiência como o autismo, é preciso pesquisar, ir além, registrar, se questionar, inovar, descobrir novos caminhos para fomentar a aprendizagem significativa para o aluno. O registro diário das atividades desenvolvidas e das reações do aluno, nor-teia caminhos possíveis e outros que devem ser descartados ou adaptados na busca pela inclusão no saber.

4.2.2 Desenvolvimento Social

Sobre como a professora percebe o desenvolvimento social da aluna “Fabi”, a professora “Lia” destacou:

Lia: “A mãe gosta de colocar a aluna para participar dos eventos que acontecem na escola, ela e a cuidadora ficam do lado da aluna orientando, mesmo sabendo que a aluna não gosta de barulhos e se irrita facilmente, mas, o importante é que ela recebe o carinho dos colegas em especial de duas alunas.”

Na parte social, a professora relata que a aluna sempre participa dos eventos escolares, mesmo que se irrite com facilidade diante do barulho e inquietação dos colegas, que em sua maioria falam com ela e tentam formar um vínculo. A aluna olha em torno da sala, para o teto e raramente dá uma risada quando se trata de um colega da sala, apenas duas alunas conseguem ainda receber um sinal de sua parte. A cuidadora e a mãe sempre auxiliam nas danças, desfiles e apresentações que acontecem na escola para que a mesma consiga se sentir inserida nas atividades escolares.

Devido às perturbações sociais, estudiosos tentam cada vez mais, desvendar esse universo ainda tão cheio de mistérios. Percebe-se que ainda há muito a fazer, mas também é nítido o quanto já se evoluiu, pois atualmente pode-se dizer que o autismo, apresentando principalmente uma evolução na condição diagnóstica, não visto como uma doença, trata-se de um transtorno de desenvolvimento que afeta a comunicação social e a capacidade de interagir com as pessoas e o ambiente. (SILVA, SOARES & SANTOS, 2020, p.01)

Em muitos momentos os ambientes escolares podem parecer desconfortáveis para as pessoas que tem o espectro autista, mas isso não significa que se deve mudar de escola ou de sala, mas que é preciso descobrir o que incomoda e o que pode trazer segurança para o aluno se adaptar aos outros e estes a ele. Viver em sociedade e compartilhar a vida com o outro traz mudança internas e desafia o aluno a sair de sua zona de conforto para aprender e desenvolver novos hábitos.

4.2.3 Desenvolvimento Interação

Questionada sobre como a professora percebe a interação da aluna “Fabi”, a professora “Lia” relatou:

Lia: “Aqui na escola todos os funcionários gostam da aluna, falam com ela, procuram ajudar no que for possível nas diversas situações, sem falar que a família também é muito compreensiva e grata por tudo.”

No tópico de interação, a educadora percebe que os demais funcionários da escola demonstram carinho pela aluna, sempre cumprimentam na sua entrada, saída, quando passam por ela nos corredores, quando precisam ajudar de alguma forma “Fabi”, sinal de que ela desperta a atenção de todos quando passa pela escola. A família sempre agradece a atenção de todos porque sabem o quanto é difícil o respeito dos outros quando se trata de um aluno com alguma deficiência, mesmo que a discriminação seja um crime.

É necessário compreender que a questão da linguagem na criança autista é cercada por diversos fatores, da subjetividade ao reconhecimento do Outro. Surge então, como ponto determinante, a questão da linguagem na constituição do sujeito autista, já que é com ela que se deve operar para construir laços sociais tão importantes para a interação. (PEREIRA, 2022, p.30)

Sabendo que a comunicação é um desafio para a pessoa que tem o espectro autista e que ela nos faz conhecermos o pensamento do outro, não se pode limitar essa linguagem apenas a fala, mas as expressões corporais, faciais também podem ser traduzidas como uma aprovação ou reprovação do que se está vivenciando. Outros mecanismos a serem utilizados são as imagens associadas as ações que podem e devem ser estimuladas quando há uma grande limitação na linguagem comunicativa do aluno.

4.2.4 Desenvolvimento Afetivo

Na pergunta sobre como a professora percebe o desenvolvimento afetivo da aluna “Fabi”, a professora “Lia” descreveu:

Lia: “Percebo que ela fica feliz quando recebe um elogio ou carinho, sorrir, mas, não gosta de abraços. Quando está com raiva chora, se morde. É preciso conter suas mãos e distrair com objetos.”

Na parte afetiva, a professora descreve que a aluna gosta de receber elogios e carinho, dando um sorriso como resposta, mas não abraça nenhum colega ou profissional que chega perto dela, quando está irritada com os barulhos da sala ou por algum outro motivo, costuma chorar silenciosamente, ou coloca as mãos na boca para morder, algo que requer cuidado por parte da educadora e da cuidadora que as repreende e seguram suas mãos, colocam objetos para desfocar da situação e conseguir controlar a aluna.

Os alunos precisam encontrar no ambiente escolar, um espaço atraente e adequado para suprir suas necessidades. Tristes ou alegres, concentrados ou não, dispersos ou apáticos, os alunos precisam estabelecer vínculos afetivos. Este deve ser o momento propício para ensinar e aprender. Somados os saberes, professores e educandos, gradualmente, irão apropriando o conhecimento. (MANOEL & CONTER, 2022, p.06)

Diante disso, construir vínculos afetivos entre os profissionais, a família, o aluno com espectro autista e os demais alunos da escola faz parte do desenvolvimento da aprendizagem, pois essa afetividade facilitará a aceitação do que pode ser proposto ao aluno, despertar para novos saberes e desafiar para fazer como o outro, mesmo dentro da sua limitação, com a sua própria forma de ver e fazer.

4.2.5 As Recomendações da Educadora

Quando perguntamos a professora “Lia quais recomendações ela daria para melhorar ou aprimorar o processo de inclusão escolar do(a) aluno(a) com Transtorno do Espectro Autista – TEA? A mesma descreveu:

Lia: “O professor que vai trabalhar em uma escola regular com crianças que tenha autismo, precisa além de ter uma formação superior, ver as principais necessidades desse aluno, diversificar atividades, sempre estimular para perceber qualquer evolução, mostrar para os demais alunos que é possível conviver com pessoas que tenham deficiência, respeitar o ritmo de cada um, mas, o ponto mais difícil para mim é avaliar.”

Quanto as recomendações da professora da sala para nós que vamos iniciar um trabalho com pessoas com deficiência, a mesma destaca que além da formação, o professor precisa ter um olhar atento as necessidades do aluno, sempre procurar atividades diferenciadas, nunca desistir de estimular o aluno, pois o simples fato de demonstração de um sorriso já expressa uma evolução significativa na vida dele. Outro fator importante é a possibilidade de conviver e ser aceito por outras pessoas diferentes dele, ensinando que cada pessoa tem um ritmo de desenvolvimento. Para ela o maior desafio é avaliar diante da evolução dos demais alunos, sabendo que no final do ano, embora não tenha alcançado as habilidades necessárias, os alunos com deficiência devem prosseguir para a próxima turma.

Ao comentar sobre aprendizagem, pode-se dizer que há barreiras enfrentadas pelos educadores, pois muitas vezes não sabem como ensinar os alunos com necessidades especiais. E os docentes precisam procurar estudar, pesquisar considerando a necessidade de ir além do diagnóstico de seu aluno, qualificando-se para realizar um trabalho de qualidade e eficiência com os alunos com necessidades especiais, em particular os autistas. É relevante argumentar o quanto é importante a inclusão do aluno com transtorno do espectro autista, pois auxilia positivamente em seu desenvolvimento social, efetivo e cognitivo. (AMBRÓS & OLIVEIRA, 2022, p.210-211)

Para os educadores, ensinar sempre foi um desafio, mesmo quando se acreditava que as turmas deveriam ser homogêneas (um pensamento inocente), imagine agora com tantas diferenças na aprendizagem, comportamento, comunicação, formas de usar os recursos didáticos, a presença de alunos com deficiência. Por isso que não basta ter uma formação pedagógica ou gostar de pessoas com deficiência, a escola também precisa estar aberta para aprender sempre a lidar com as diferenças e dificuldades dos alunos, pois, não será sempre que a família pode ofertar tratamentos fora do ambiente escolar, principalmente quando se trata de escola pública, mas, os professores certamente precisam de ajuda, de uma palavra, orientação, um relato de experiência que pode favorecer a muitas construções positivas de aprendizagem, já que a educação não se limita apenas ao professor e o aluno.

O fato, é que a experiência de ensinar uma pessoa com TEA favorece a um fazer pedagógico desafiador, cheio de surpresas, aprendizado e motivação, pois não se trata de uma monotonia de todos os dias, embora a pessoa com TEA necessite de uma rotina. Não se limita a pesquisas de atividades prontas na internet que não atendem as necessidades de um aluno ou que apenas visa ocupar seu tempo para que se sentir mais aliviado. Se trata de uma busca constante que apresente um caminho a ser estimulado com novas pistas e pontos que precisam ser alimentados com criatividade e questionamentos para promover o crescimento pessoal do aluno.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivenciar uma prática educativa com aluno que apresentam alguma deficiência em meio a tantas outras consideradas normais, especialmente quando essa deficiência se caracteriza por um transtorno que afeta significativamente o aluno em sua construção cognitiva, social, afetiva e interação com o mundo como a pessoa com espectro autista, é de fato uma experiência desafiadora, instigante, única por ser um universo diferente que se tenta resgatar para aprender dentro do universo do outro.

Nos dias atuais a escola vivencia o momento de legalidade dos recursos, do apoio com o cuidador, da aceitação do aluno com espectro autista, do inserir no meio de outros que já conhecem ou não, da necessidade de adaptar em cada aula atividades diferentes, coerentes e desafiadoras, já que o aluno possui sua inteligência, mas não sabe como lidar com as diversas questões afetivas, sociais, cognitivas ou de interação para aprender.

No entanto, o que se espera é que o aluno consiga aprender ao longo do tempo a viver com o outro, que os demais alunos da sala consigam aceitar, compreender e respeitar o jeito do outro viver, que a família se sinta acolhida, aberta a descobrir, ajudar, aceitar o processo pelo qual o aluno precisa passar para aprender a ser, viver e saber sobre o mundo, o outro e sobre si mesmo.

O que não se pode aceitar é a negligência, o esquecimento, o distanciamento, a exclusão quando na verdade todos tem o direito de estar na escola, aprender e sonhar em realizar o desejo de viver com os outros, mesmo que a escola e seus sujeitos ainda estejam aprendendo a conviver com as diferenças, com experiências diversas a cada ano, pois cada aluno com deficiência na aprendizagem é um novo desafio para o educador ensinar, descobrir e compreender o universo particular do outro. Aprendendo que cada um aprende de uma forma diferente, esse respeito é primordial na fazer pedagógico unido a persistência e os desafios de ensinar para a vida.

A família abraça o desafio de cuidar, zelar e abrir novas portas para a adaptação do aluno, mas a escola tem um grande desafio que ensinar a aprender em meio a tantos outros que são considerados pelos tabus sociais “normais”, como também é chamada a se modificar para atender as necessidades do outro, a tornar o ambiente escolar seguro, propício, acolhedor e cativante para todos os alunos.

REFERÊNCIAS

AMBRÓS Danieli Martins, OLIVEIRA, Glauçimara Pires. O aluno com transtorno do espectro autista na sala de aula: caracterização, legislação e inclusão. **1º Seminário Luso-Brasileiro de Educação Inclusiva: o ensin e a aprendizagem em discussão**. Disponível em: https://editora.pucrs.br/anais/i-seminario-luso-brasileiro-de-educacao-inclusiva/assets/artigos/_eixo-3/completo-3.pdf. Acesso em: 20/06/2022.

BANDEIRA, Gabriela. **Lei Berenice Piana: conheça a lei que prevê direitos dos autistas**. genial care, 02/03/2022. disponível em: <https://genialcare.com.br/blog/lei-berenice-piana/>. acesso em: 25/05/2022.

BRAGA, Sheila Mayzanyela da R. **Educação Especial: as dificuldades encontradas no ambiente escolar para a inclusão**. disponível em:

<https://www.pedagogia.com.br/artigos/asdificuldadesdainclusao/#:~:text=as%20dificuldades%20encontradas%20para%20a,familiar%20para%20com%20essas%20crian%20as>. acesso em: 16/02/2022.

BRASIL. **Quais são as principais comorbidades do autismo?** Instituto Neuro Saber. 20/05/2021 Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/quais-sao-as-principais-comorbidades-do-autismo/#:~:text=As%20principais%20condi%C3%A7%C3%B5es%20que%20podem,e%20outros%20transtornos%20do%20neurodesenvolvimento>. Acesso em: 15/05/2022.

_____. **LEI Nº 12.764, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 19/05/2022.

CARVALHO, R. E. **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva.** Porto Alegre: Mediação, 2000. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/236654273.pdf>. Acesso em: 26/02/2022.

JACOMELI, Renan Bezerra. **A Inclusão de Alunos com Necessidades Especiais no Ensino Regular.** Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-inclusao-alunos-com-necessidades-especiais-no-ensino-regular.htm>. Acesso em: 22/02/2022.

LÚCIA, Antônia; ALMEIDA, Jéssica & GÜNTER, Richard. **Educação infantil:** a fase mais importante na vida da criança. APPAI (Associação Beneficente dos Professores Públicos Ativos e Inativos do Estado do Rio de Janeiro. Publicado em 20/09/2021. Disponível em: <https://www.appai.org.br/appai-educacao-revista-appai-educar-edicao-131-educacao-infantil-a-fase-mais-importante-na-vida-da-crianca/>. Acesso em: 02/08/2022.

MANOEL, Vanda Ferreira & CONTER, Lia Regina. A importância da afetividade para o processo ensino e aprendizagem dos alunos com transtorno do espectro autista. **In: Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE, Artigo. Caderno PDE, Volume I, 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_edespecial_uenp_vandaferreiramanoel.pdf. Acesso em: 28/06/2022.**

MOREIRA, Claudia Regina Baukat Silveira. **Século XVIII:** Os enjeitados. A infância do Brasil. Disponível em: <http://ainfanciadobrasil.com.br/seculo-xviii-os-enjeitados/>. Acesso em: 10/05/2022.

OLIVEIRA, Emanuelle. **Estudo de caso. Info Escola:** Navegando e Aprendendo. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociedade/estudo-de-caso/>. Acesso em: 28/05/2022.

PEREIRA, Angelina Gabrielle Moreira Ornelas. **Inclusão Escolar e Autismo na Educação Infantil:** a participação de alunos com autismo na construção de práticas pedagógicas em turmas de Educação Infantil. Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, Mestrado em Educação. Niterói: RJ, 2019. Disponível em:

<https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/14982/2019%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Angelina%20Pereira.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29/06/2022.

SILVA, Polyana Pereira da & LIRA, Sonia Maria de. Formação docente inicial e experiências inclusivas no curso de geografia da ufcg. **REIN! Revista Educação Inclusiva**. ISSN 2594-7990 Edição Especial - Volume 7, Número 2. 2022. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/REIN/article/view/817/1002>. Acesso em: 20/05/2022.

SILVA, Magda Tuany Queiroz da. SOARES, Artemísia dos Santos & SANTOS, Dénison Wellington Araújo dos. **Observação Sistemática do Comportamento e Assistência Psicopedagógica de uma Criança com TEA de 6 anos**. Educação com (re)Existência, mudanças, conscientização e conhecimentos. Conedu: VI Congresso Nacional de Educação. Centro Cultural de Exposições Ruth Cardoso. 15,16 e 17 de outubro de 2020. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA10_ID4796_01102020220941.pdf. Acesso em: 15/06/2022.

SOARES, Simaria de Jesus. Pesquisa Científica: uma abordagem sobre o método qualitativo. **Revista Ciranda** –Montes Claros, v. 1, n.3, pp.168-180, jan/dez-2019. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/ciranda/article/view/314/348>. Acesso em: 22/05/2022.

SOUZA, Antônia Gonçalves de. & RUELA, Guilherme de Andrade. O autismo infantil e a inclusão social na educação: revisão histórica e sistêmica atual. **Rev. Educação Pública**. ISSN: 1984-6290. B3 em ensino – Qualis, Capes, DOI: 10.18264/REP. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/19/o-autismo-infantil-e-a-inclusao-social-na-educacao-revisao-historica-e-sistemica-atual>. Acesso em: 03/05/2022.

Tradição indígena faz pais tirarem a vida de crianças com deficiência física. **Fantástico: G1**. 07/12/2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/12/tradicao-indigena-faz-pais-tirarem-vida-de-crianca-com-deficiencia-fisica.html>. Acesso em: 08/05/2022.

ZEPPELINI, Beatriz. **Como a sala de aula pode ser mais receptiva ao aluno com TEA**. Blog JADE. 09 de março de 2021. Disponível em: <https://jadeautism.com/sala-de-aula-aluno-com-tea/>. Acesso em: 17/06/2022.

ANEXO A – ENTREVISTA ABERTA COM À EDUCADORA



UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Entrevista aberta com à educadora

1 Quais atividades você faz com “Fabi”?

2. Como você vem percebendo o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo de “Fabi”?

Cognitivo – assimilação

Social – “Fabi” com os colegas

Interação de “Fabi” na escola

Afetivo – a forma de “Fabi” lidar com os desafios

3. Quais recomendações você daria para melhorar ou aprimorar o processo de inclusão escolar do(a) aluno(a) com Transtorno do Espectro Autista – TEA ?

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pela oportunidade de viver todos os dias, por não me abandonar, sinto-me protegida e abençoada a cada momento, a palavra e gratidão.

A minha Bisavó Geni Pereira Leite (In Memória). Oh meu amor, sei que a senhora está feliz com a minha conquista. Obrigada pela dedicação e amor, desde pequena me incentivando a estudar para ter um futuro brilhante e não foi nada em vão. Te amo minha mãe bisavó.

A Maria do Socorro Pereira Leite (Avó Materna In Memória) que sempre me incentivou e dizia queria uma filha, neta Pedagoga. Graças a Deus consegui!

A Luiz Simplício (Avô Materno In Memória).

A Damiana Alves Do Nascimento (Avó Paterna In Memória).

A Francisco Sabino Do Nascimento (Avô Paterno In Memória).

Aos meus pais Albanisa Leite Nascimento (Mãe) e José Alves do Nascimento (Zito Pai), que são minha base, os amores de minha vida, que me incentivam todos os dias para vencer cada obstáculo e são um exemplo de superação. Obrigada por tudo mamãe e papai, amo vocês!

Aos Meus filhos amados, Sophya Pyetra Nascimento de Sousa (Filha) Samuel Felipe Damião Filho (Filho), com vocês aprendi a forma mais pura de amar. Obrigado por fazer meus dias mais felizes.

A Maria Inês Pereira Leite (Tia Avó, mãe) por acreditar em mim sempre, José Ferreira Leite Filho (Tio Avô, In Memória) por todos os ensinamentos valiosos.

A Minhas Tias: Alba Lúcia Leite Simplício, Rosângela Leite Simplício e Rosemary Leite Simplício, Maria Cristina Pereira Leite (Tia Avó materna), por toda dedicação e apoio.

Aos meus Tios Paternos Maria José Alves do Nascimento (Sônia), Cícero Alves do Nascimento, Reginaldo Alves do Nascimento, Agnaldo Alves do Nascimento, Antônio Alves do Nascimento e Daniel Alves do Nascimento, pelo carinho e apoio em todos os momentos.

Aos meus irmãos: Amanda Joyce Leite Nascimento e Jailson Kleber Leite Nascimento, pelo incentivo.

Aos demais membros da minha família que contribuíram para o meu crescimento pessoal.

Ao meu Orientador Professor Dr. Eduardo Gomes Onofre pela paciência e direcionamento em todo o processo de construção desse trabalho.

Aos demais professores do Curso de Pedagogia, que fortaleceram o meu amor pela educação.

A Professora Doutora Lígia Pereira dos Santos por ser uma pessoa de apoio e fortalecimento em um dos momentos mais difícil da minha vida pessoal, de modo que minha palavra é GRATIDÃO pelo seu olhar carinhoso para com os seus alunos que vai além do ato de ensina, que se envolve, cativa e se mostra humana reconhecendo que o aluno tem uma vida cheia de sentimentos fora do muro da escola/Universidade.

A Coordenação do Curso de Pedagogia da UEPB, demais funcionário que dedicam seus esforços para a formação de milhares de pessoas.

Aos meus colegas de Curso que batalharam ao meu lado em todo o período de formação. Guardarei em meu coração boas lembranças, em especial à Priscila Daiane Mendes da Silva, Erinalva Ricardi Cardoso, Tamara Cristina Guedes Santos e Clarice Oliveira Duarte.